

PRÁTICA DE NARRATIVAS E MEMÓRIAS ATRAVÉS DE UM OLHAR DOCENTE

Autor: Ana Lúcia Ferraz¹; Orientador: Alexsandro dos Santos Machado²

UDE – Univerdidad de la Empresa (e-mail: gfabeyro[@]Jude.edu.uy)

RESUMO

O presente artigo é o resultado de um mestrado em andamento que teve como título prática de narrativas e memória (o ensino de História) a partir de um olhar docente. Para desenvolver as práticas de memória as temáticas africanas foram elaboradas dentro do planejamento anual segundo as deterioração educacionais da Secretaria da Educação de São Paulo. Um dos avanços conquistados com minhas turmas posso notar através do cotidiano escolar no qual posso notar alunos de “etnias” diferentes mas com propósitos semelhantes fazer a diferença e buscar uma sociedade com igualdade e justiça. A Instituição Doutor Reynaldo do Nascimento Falleiros vem pondo em prática a Lei 10.639/03 o que acarreta uma melhoria na qualidade de ensino e de interação social.

Palavra chave: Cultura; Docente; Narrativas; Memória.

INTRODUÇÃO

A escola Doutor Reynaldo do Nascimento Falleiros está localizada na região metropolitana de São Paulo no Município de Taboão da Serra e tem 1.200 alunos matriculados em três turnos e as turmas que ministro nas aulas de História são alunos do período matutino e noturno e tem faixa etária dos treze aos dezoito anos.

Segundo Kabengele 2005:

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros.” (KABENGELE, 2005, p. 16)

1 – Orientanda: Ana Lúcia Ferraz¹ – Mestranda em educação (analuciaferraz1@gmail.com)

2 – Orientador: Alexsandro dos Santos Machado² – pós doutorando em saúde pública (alexsapucaia@gmail.com)

Para o determinado trabalho que foi elaborado e concluído como capítulo integrado da Dissertação de Mestrado que está em fase de conclusão foi escolhido um grupo focal de 78 alunos os quais se reconhecem afrodescendentes. As três temáticas utilizadas: 1 gráfico representativo, gráfico de História da Abolição e Memória de infância e vida são as temáticas que venho inserindo em minhas aulas.

De acordo com Le Goff 2013, as reminiscências são frutos de experiências que seguem uma cronologia, porém, a nossa “memória” enquanto fato histórico também podem se tornar “atemporal” quando analisamos nossos sentimentos que muitas vezes carregam, emoção, tristeza, alegria, etc. E é no despertar do tempo que estes sentimentos atemporais podem se tornar coletivos quando estes se tornam documentos ou objetos e até mesmo monumentos.

Para tais práticas as turmas do nono A e de ensino médio participaram de dinâmicas que necessitou de um olhar docente assim como nas outras turmas.

OBJETIVO GERAL

O determinado trabalho tem como objetivo disseminar práticas de cultura africana em sala de aula.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Propiciar temáticas de cultura africana enriquecendo o currículo escolar.

METODOLOGIA

Para inserir práticas de cultura africana e valorização da História de povos afrodescendentes foram elaboradas temáticas diferenciadas para as referidas turmas:

- 1 – Nono ano A – Pesquisa sobre grupo étnico e construção de gráfico representando a etnicidade da turma com 38 alunos;
- 2 – Relatório de pesquisa sobre memória e narrativa de infância e História de vida, turma do 3º A;
- 3 – Representação gráfica dos períodos Pré, Pós e Abolição, “racismo”, trabalho realizado com turma do 2º A com 36 alunos.



DISCUSSÃO

Para a turma do nono A, foi elaborado as seguintes perguntas:

1 – A que grupo étnico pertencem?

- () branco
- () negro
- () afrodescendente

2 – Como assuntos de racismo são resolvidos no meu círculo racial?

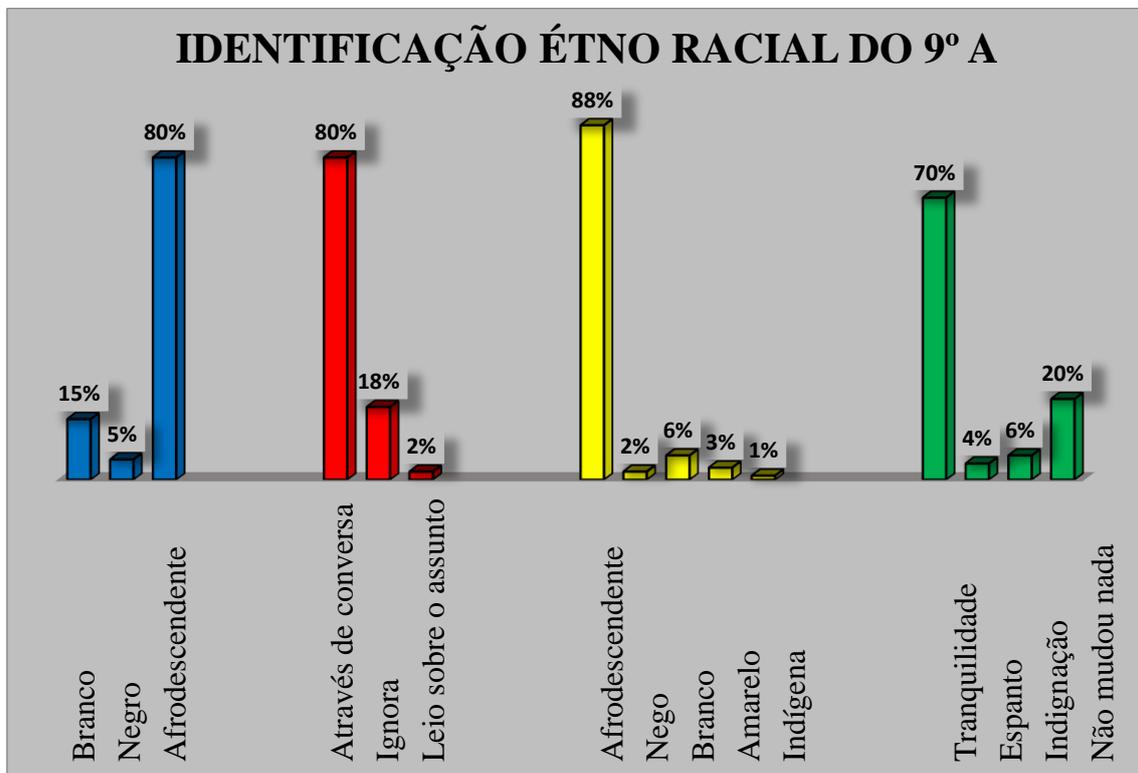
- () através da conversa
- () ignorado
- () leio sobre o assunto

3 – Em relação a família são:

- () negos
- () brancos
- () amarelo
- () indígena

4 – As mudanças com a Lei 10.639/2003 me causaram:

- () tranquilidade
- () espanto
- () indignação
- () não mudou nada



RESULTADO

A sala (turma do segundo ano A) é bem heterogênea porém são tranquilos e as aulas de História no bimestre vigente tem por objetivo (estudar) temáticas de Cultura brasileira e africana e o contexto do Brasil dos séculos passados. O quadro o qual foi analisado tem as seguintes características. Gráfico de Pré, Pós e Abolição.

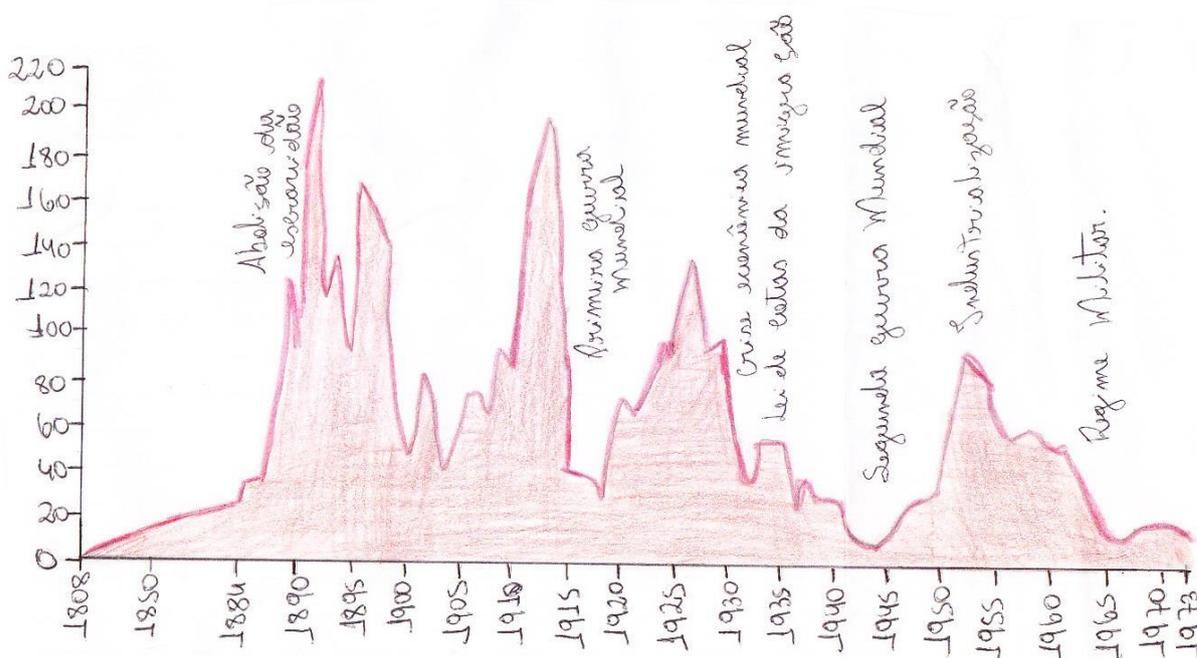
Livia Almeida

Sabe-se que o texto fala sobre o preconceito que o governo do nosso país tinha no ano de 1888 em diante, querendo assim branquear o país, proibindo a entrada de “não brancos” no país, tendo um pensamento de que as pessoas não brancas, pardas e indígenas, poluem e levam o país para baixo, que é a culpa deles o país ter os seus “defeitos”.

Esse conceito que eles tinham de que os negros e pessoas de cor, eram piores que as brancas, tendo esse preconceito todo, pois é um pensamento sem fundamento.

Vitória Vieira da Silva

Gráfico imigrantes entrando no Brasil (1889-1930)



Comentário/crítico: O gráfico mostra a quantidade de imigrantes que vieram ao Brasil após da abolição em 1888, onde o país precisava crescer economicamente e então o governo republicano começou a incentivar a imigração europeia para “branquear” a nação já que eles acreditavam que a raça não-branca (raça inferior) estaria atrasando o crescimento do país, acabaram proibindo também a entrada de não brancos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

no Brasil. Porém, sabemos que esse branqueamento não conseguiu acabar com a população de ex-escravos no Brasil, essa medida acabou aumentando a miscigenação um território brasileiro que hoje em dia é uma das populações com mais misturas de etnias e descendências do mundo.

1 – No gráfico podemos visualizar que houve uma entrada de imigrantes no Brasil e através de uma política de embranquecimento ficou claro que já havia no Brasil um racismo justificando que o Brasil poderia melhorar através da proibição da entrada de negros e pardos no país.

2 – Na minha opinião o governo que formulou a lei do embranquecimento muito não conseguiu resolver os problemas econômicos e políticos pois era incapaz de solucionar a maioria dos problemas do nosso país.

3 – No gráfico pode-se notar que em 1930 muitos imigrantes vieram para o Brasil e foi estipulado que o embranquecimento melhoraria as condições do nosso país, o Brasil.

4 – A imigração no Brasil que ocorreu na década de 1930 e teve a “Europa” como maior continente que veio para o Brasil ocorreu por causa de guerras e também pela política de embranquecimento feito pelo Brasil.

Houve (um) racismo na forma de criar a lei pois proibia a entrada de negros e pardos no país.

5 – A política de embranquecimento no Brasil ao invés de embranquecer a população brasileira acabou aumentando a miscigenação pois a população negra e branca que aqui já estavam e as populações que vieram não podiam ser proibidas de viver, construir famílias e laços de amizade.

Vitória Pereira de Jesus

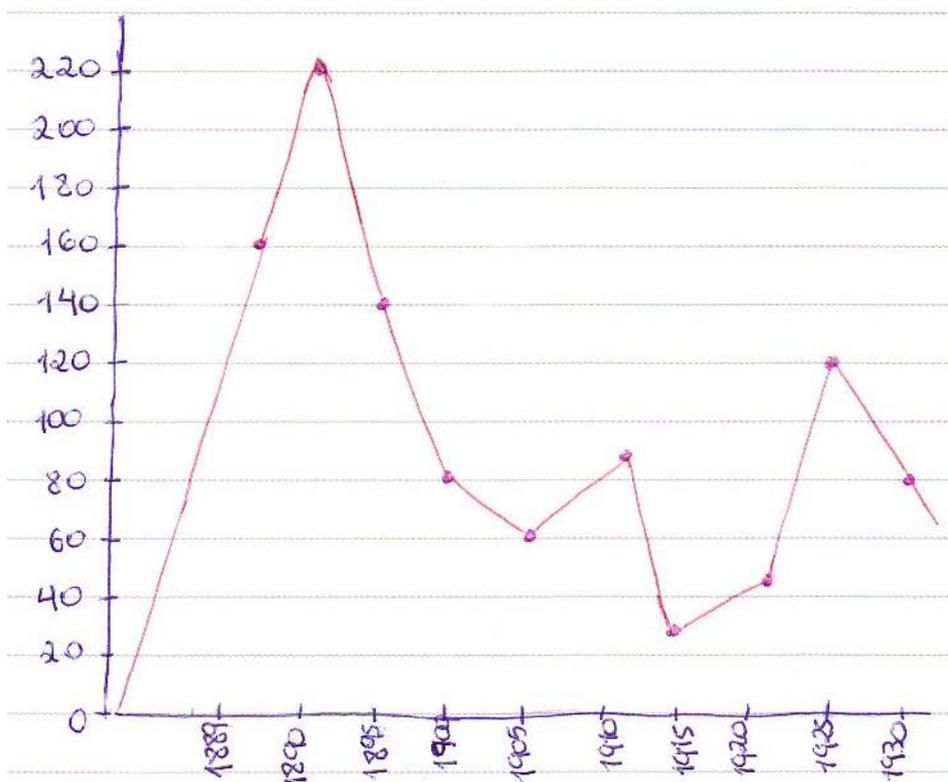
O estado brasileiro no ano de 1888 a 1889, teve a ideia chamada, branquear o Brasil.

É realmente uma tolice! Uma pessoa só porque tem raça diferente e pele mais clara não tem o poder de afundar uma nação, ou causar dano por ser quem é.

Eles, não conseguiram ajudar de modo político, fazer melhorias, então apelaram para uma desculpa dessas, para enganar o povo, e justificar a incapacidade deles.

Beatriz Souza

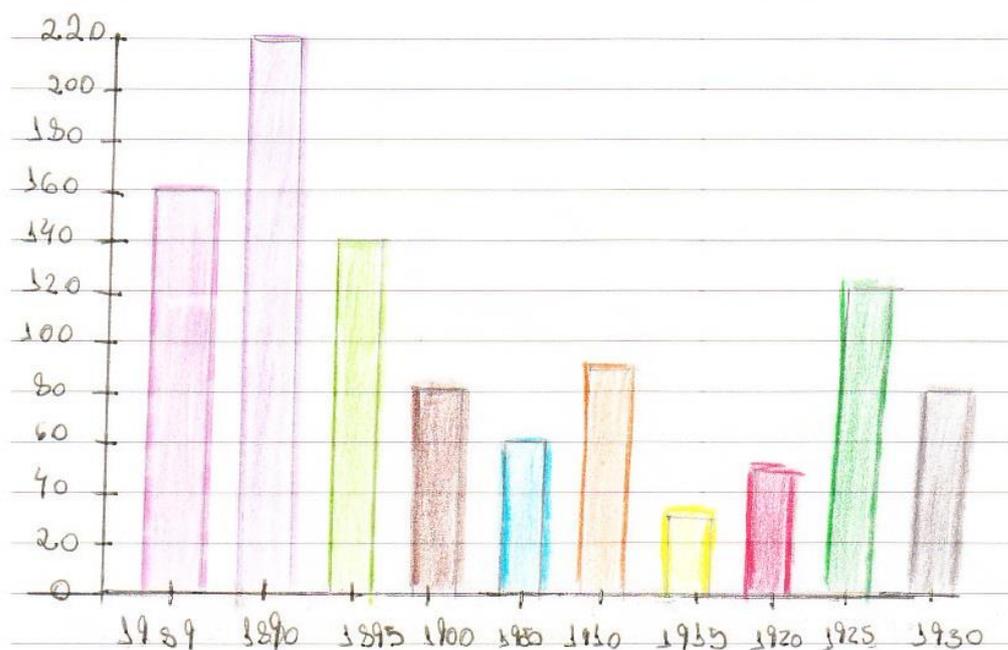
Imigrantes no Brasil



Como podemos observar no gráfico “imigrantes no Brasil”, a imigração do ano de 1889 e 1925 é realmente muito alta, a rede do império Português, pelo fato da abertura dos portos, as más condições na Europa. A partir de 1920 o número vai diminuindo, por conta das ditaduras, crises, industrializações, etc.

Sabrina Hellen do C de Souza

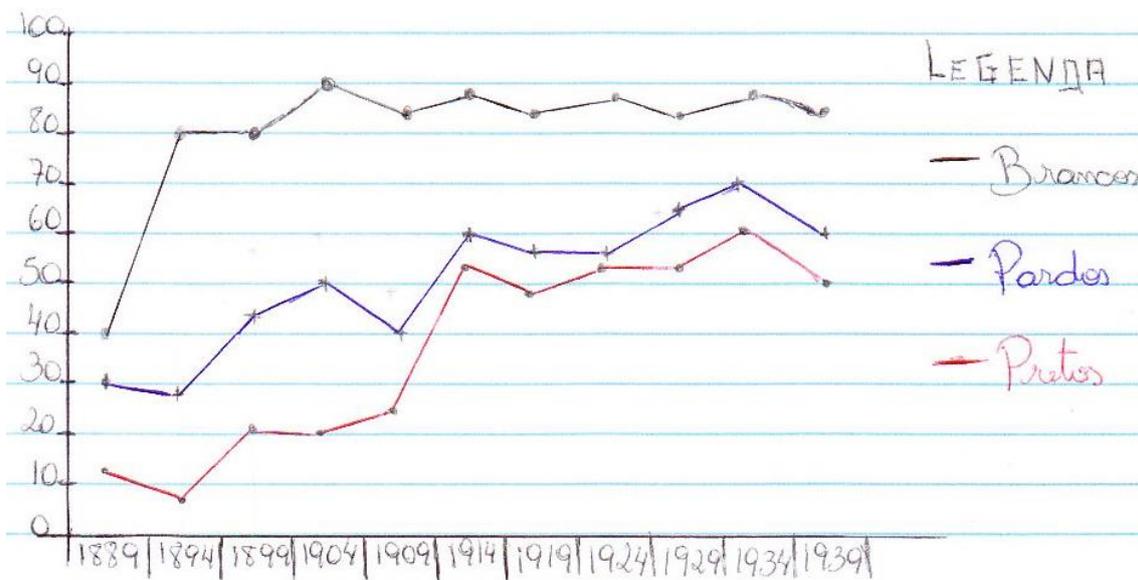
Gráfico imigrantes entrando no Brasil (1889-1930)



No gráfico a imigração é muito alta em 1889 e 1890, pela sede do Império Português e abertura dos portos. A partir de 1900 exceto 1925 o número diminuiu bastante por conta das ditaduras, industrializações e outros fatores.

Jean Jovencio Bezerra

Resumidamente, o texto relata sobre como o governo não aceitava pessoas não brancas. O Brasil entre outros países do continente americano, foi o último a acabar com o trabalho escravo, o que desencadeou consequências danosas para a formação de nossa nação. Isso aconteceu porque não foi colocado em prática um programa de estado que planejasse para a população negra uma adequada transição da condição de cativos para a de sujeitos livres. Sendo assim, minha crítica sobre o texto é dizer que não aceito essas indiferenças como por exemplo citado no final do texto da apostila, “o governo republicano passou a subsidiar e incentivar a imigração europeia para branquear a nação e proibiu a mesma entrada de não branco no país” e isso acaba gerando o racismo onde já mais deve ser citado e que jamais devemos praticar. O aumento da população branca, negra e parda no decorrer do ano de 1889 a 1930.



Pode se perceber que as temáticas africanas foram bem aceitas em sala de aula e que tanto as “memória quanto as narrações, brincadeiras e infância” são metodologias muito apropriadas para as turmas do ensino médio. Turma do 3º A.

Luiza

1 – Como foi sua infância?

1 – Minha infância vamos se dizer que eu me diverti muito, estudava de manhã e já brincava na escola de “pega ladrão”, de balanço nas árvores. Adorava ir para educação física para brincar de pega bandeira.

Quando chegava em casa só comia e trocava de roupa e já ia brincar na rua com meus colegas. Ficava o dia inteiro na rua, muitas brincadeiras rolava, como taco, esconde esconde, pé na lata, etc. na época de pipa amava brincar com meus irmãos em cima da laje.

Quando era umas 21:00hrs da noite mãe gritava Rafael, Daniel, Juninho e Iza “está na hora, entra ou vou buscar”. Assim íamos para casa tomar banho, jantar e sentar na frente da TV até cairmos no sono. No dia seguinte era a mesma rotina.

2 – Que tipo de brincadeira mais gostava?

2 – Eu gostava muito de juntar com minhas primas e o meu irmão Daniel de brincar de montar casinha na caixa de papelão era muito bonita nossas artes, inventava de tudo na casinha até os bonequinhos a gente fazia e simulava a luz acabando.

3 – Quais amigos participavam?

3 – Os meninos e meninas da rua de cima, de baixo do lado, se reunia para brincar. As vezes os vizinhos da rua de cima sempre arrumava briga mais no outro dia estava todo mundo lá na rua para brincar novamente.

Lucas Alan

As lembranças que tenho quando pequeno são poucas, mas minha mãe sempre me auxilia, com a sua memória porque ela é mais adulta e sempre me via brincar. Eu tinha um canto da casa onde eu brincava. Estudava em uma escola chamada Vitória Régia e meus amigos brincavam comigo de pega-pega e esconde-esconde no intervalo.

Fui criado por minha mãe e meu padrasto e tenho um irmão mais novo. Meus avós moram e tios moram próximos da minha casa e convivemos e compartilhamos muitas coisas.

Um dos fatos mais marcantes da minha infância foi ter aprendido andar de bicicleta, ir à praia e ir ao estádio de futebol.

Os meus melhores amigos foram Gabriel, Carlos e Plablo.

Maria Eduarda

Na minha infância eu convivia com os meus avós materno, meu pai, minha mãe e meus dois irmãos. Sempre convivi com a minha família toda porem meus maiores laços de amor foram criados pela minha avó (Sandra), e meus avô (Edson), afinal foram eles que sempre me criaram e me deram amor em boa parte da minha infância.

Com certeza um dos fatos mais marcantes que eu tenho na memória é de quando eu meus avós irmos para a colônia de férias na praia, muitas das vezes a minha tia ia também. Era um lugar lindo, que tinha um parque incrível todo decorado com pinturas de princesas da Disney; eu amava as comidinhas que tinha lá e sem dúvida o momento mais feliz das férias era toda vez que ondas grandes vinham ele me levantava no colo, nesse momento eu ficava tão feliz que eu tinha a impressão que poderia voar. Outro fato marcante foi quando ganhei da minha tia (Fátima) uma boneca maior do que eu, que tinha os cabelos e as roupas completamente rosa, foi o presente que eu mais amei e essa boneca (que por sinal tinha até nome se chamava Estephane) foi minha “melhor amiga” durante muito tempo.

Eu tinha muitos amigos que até hoje chamo de IRMÃOS pois estudaram todo o meu período fundamental comigo (do primeiro ao quinto ano), mas nesse círculo de eu passava a maior parte do tempo com as minhas amigas Vitória, Geovana e Nathália.

Eu adorava brincar com as minhas amigas de “fadas” pulando de mesa em mesa no parque da escola, e gostava muito de brincar fantasiando (também com elas) um fantasma que vivia atrás da quadra. Teve um passeio no 5º (quinto) ano para o ZOOLOGICO DE SÃO PAULO que foi incrível e foi todos os meus amigos, me diverti muito e foi o melhor passeio escolar que tive.

Eu estudei do 1º ao 5º ano na escola Ana Manoela Barbos de Carvalho e estudo desde o 6º ano na escola Reynaldo Falleiros.

Luemara

A minha infância foi simples: o meu pai não conheci mas tenho curiosidade mas minha mãe nunca quis falar do assunto. Já passei dificuldade na infância mas nunca desisti de sonhar quando morava no Jardim Fátima (era comunidade) a rua era de terra e tínhamos que trocar de calçado ou colocar na sacola plástica no sapato para não sujar de lama. Eu vinha do Embu estudar no Pirajuçara (você não sabe professora é bem longe uns 40 minutos a pé).

Minha mãe e minha tia eram próximas e ela já faleceu porem sei que ela está descansando (a alma) e sinto saudades.

Tive bastante amigos mas não vou citar (tenho vergonha) mas acho bom participar desse estudo (ensino em roda) para ser menos tímida.

Quando pequena brincava de roda, amarelinha e ia num parque bem próximo de casa.

Hoje moramos numa casa confortável e ainda tenho muitos sonhos.

Kauany Cristina

São poucas brincadeiras que eu lembro, mas teve umas que marcaram de um jeito ou de outro. Rouba bandeira era uma brincadeira de rua, que eu brincava com meus vizinhos. A brincadeira era simples cada um ficava de um lado da rua e pegava um objeto cada um e nisso 5 participantes ou até mais tinha que despistar o adversário e tentar pegar a bandeira assim somava pontos e pontos.

Pé na lata era uma brincadeira em que pessoas enchia uma garrafa de areia, era parecido com esconde-esconde, a pessoa procurava as crianças escondidas e quando achava saia correndo para chutar a garrafa e voltar de costas.

Pega-pega era outra, uma pessoa para pegar as pessoas que estão se divide.

Vivo duro – são mais de 10 pessoas, uma começa correndo atrás dos adversários e quando pega alguém é só falar “duro” e a pessoa fica parada para alguém vim e falar “mole” aí a pessoa voltava a brincadeira.

Esconde-esconde, todo mundo se esconde e todos vão se esconder e assim vai.

Isabella Cardoso

As brincadeiras são com certeza o que mais marcam a infância.

Me lembro que brincava muito de ciranda cirandinha e esta brincadeira marcou muitas gerações pois minha mãe também brincava.

Brincar é uma das coisas mais gostosas da vida e é um símbolo de pureza de criança.

Com o passar dos anos vamos sentindo saudade, ao rever as fotos e os vídeos antigos.

Ao crescermos às vezes sentimos um pouco de amargura pois muitas vezes somos excluídos de dentro da sociedade, principalmente por causa de fatores econômicos.

A pobreza é um dos principais fatores pelo quais as crianças deixam de ter oportunidades e por não termos condições desde bem pequenos nossa infância não é tão feliz.

A brincadeira deveria ser um direito de todas as crianças.

CONCLUSÃO

Foi muito interessantes a abordagem feita por alunos que narraram brincadeiras de infância e também o gráfico foi um recurso muito pertinente ao Período de Abolição e ao Período de História Atual. A análise dos gráficos fez com que cada aluno pudesse ter contato com a ideia de preconceito que assolou o Brasil nos anos trinta e ainda permanece.

O trabalho teve um desfecho muito gratificante e como pesquisadora pude mudar a realidade dentro e fora da escola para melhor.

REFERÊNCIA

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória – 7ª edição revisada.** Editora Unicamp. Campinas – SP, 2013. P. 104.